

para curar!

Datafolha, em 2019, mostrou que 27% dos brasileiros consideram o medo de ter câncer como o maior de suas vidas. Isso demonstra o quão assustador, para tantas pessoas, é encarar a possibilidade de ter que lidar com a doença à medida que os anos passam. Mas, aos que já vivem esse desafio na pele, diariamente, é ainda mais angustiante. Assim, todas as estratégias, desde comunicações efetivas até informações claras, são essenciais para que o paciente não perca a fé na cura.

“O tratamento humanizado extrapola o cuidado apenas ao paciente, mas também impacta positivamente todos os envolvidos no processo, como os profissionais de saúde e familiares. As redes de apoio funcionam como uma ponte vital entre o paciente e as diversas faces do enfrentamento do câncer”, detalha. Todos esses componentes são primordiais, pois garantem ao indivíduo que ele não apenas seja assistido em suas necessidades práticas, como transporte para consultas ou organização da rotina, mas também que receba suporte emocional nos momentos de maior fragilidade.

Sobre nunca se render

Longe do país de origem e com saúde da família, Joana Jeker dos Anjos, 48 anos, descobriu um câncer enquanto estava na Austrália, em 2007. No início, o sentimento foi de vazio. A sensação estarrecida de saber que, ali, havia um caminho necessário a ser traçado. Precavida, sempre teve o hábito de fazer autoexame nas mamas, já que a mãe, em uma outra época, tinha sido diagnosticada com câncer de mama.

“Chorei muito e fiquei muito abalada. Tive medo da morte e da incerteza do futuro. Foi muito difícil ligar para minha mãe e dizer que eu estava com

câncer de mama, a mesma doença que ela teve. Decidi abandonar a vida na Austrália e voltei para o meu país em busca de tratamento pelo SUS”, lembra a administradora.

Graças ao diagnóstico precoce, ao menos o tratamento de Joana foi rápido, durando cerca de seis meses. Cumpriu todos os passos no Hospital Mario Kroeff, no Rio de Janeiro. Fez a mastectomia da mama direita e quatro sessões de quimioterapia. Mas, ainda assim, o maior baque veio: ver-se no espelho sem cabelo. Para ela, poucas palavras explicam o que esse momento lhe trouxe.

Doou boa parte dos fios e, com o tempo, a tristeza amenizou. “Meu seio foi reconstruído e o meu cabelo cresceu, mais bonito do que antes. A vida recomeça, sempre”, ressalta. Depois de longos meses no Rio de Janeiro, Joana retornou para Brasília e iniciou a reconstrução da mama no Hospital Regional da Asa Norte. Contudo, enfrentou um enorme problema durante o processo.

“Meu médico parou de operar antes de fazer a aréola e o bico da minha mama. Tive que ir atrás dos meus direitos. Fiz um abaixo-assinado e uma manifestação em frente ao Hran, em dezembro de 2010, que resultou nos mutirões de reconstrução da mama, organizados pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica”, conta.

Novo propósito

Logo em seguida, decidiu fundar a ONG Recomeçar, que atua principalmente na articulação de políticas públicas e na promoção do controle social para garantir a qualidade e a velocidade em todos os processos que proporcionam a reabilitação de mulheres afetadas por câncer de mama que são tratadas no SUS —



Sistema Único de Saúde.

De acordo com ela, a ONG contribuiu para avanços importantes, como a aprovação da Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer, a Lei dos 30 Dias para diagnóstico rápido e a lei do registro compulsório do câncer. “Também promovemos campanhas de conscientização no Congresso Nacional, dando visibilidade à causa”, afirma.

O câncer, por ser uma das doenças mais temidas pela sociedade, necessita de um acompanhamento especial. Assim, o tratamento humanizado faz toda a diferença porque vai além da patologia e enxerga a pessoa. “Ser acolhida com empatia, escuta e respeito nos dá forças para seguir em frente. A Recomeçar faz

esse trabalho, e isso me enche de alegria e realização”, completa. Apesar das dificuldades que viveu, acredita que a fé, a família, as amigas e a alegria de viver foram fundamentais para que não desistisse.

E foi justamente nessa força que ela se apegou. Descobriu em si mesma um ânimo que mal sabia que existia. Permitiu-se chorar, mas também caminhar com coragem, otimismo e esperança. Tinha noção do quão difícil seria, mas que passaria, assim como tudo na vida. “Lutar por mim mesma me levou a lutar por tantas outras. E é essa causa que me mantém firme até hoje, de pé, com coragem renovada todos os dias”, finaliza.

***estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**